

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM SÃO LUIZ GONZAGA
CURSO DE PEDAGOGIA**

ANDRIELI DE OLIVEIRA TRINDADE

**A DISLEXIA NO CONTEXTO ESCOLAR:
desafios e possibilidades**

SÃO LUIZ GONZAGA

2023

ANDRIELI DE OLIVEIRA TRINDADE

A DISLEXIA NO CONTEXTO ESCOLAR:

desafios e possibilidades

Trabalho de Conclusão de curso, apresentado como requisito parcial para obter o título de Pedagoga, ao Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – Uergs, Unidade São Luiz Gonzaga.

Orientadora: Prof^a. Luciane Sippert Lanzasova

SÃO LUIZ GONZAGA

2023

Catálogo de Publicação na Fonte

T833d Trindade, Andrieli de Oliveira.

A dislexia no contexto escolar: desafios e possibilidades / Andrieli de Oliveira Trindade. – Porto Alegre, 2023.

35 f.

Orientadora: Prof. Luciane Sippert Lanza Nova.

Monografia(Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Pedagogia, unidade em Porto Alegre, 2023.

Ficha catalográfica elaborada por Laís Nunes da Silva CRB10/2176.

ANDRIELI DE OLIVEIRA TRINDADE

A DISLEXIA NO CONTEXTO ESCOLAR:

desafios e possibilidades

Trabalho de Conclusão de curso, apresentado como requisito parcial para obter o título de Pedagoga, ao Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – Uergs, Unidade São Luiz Gonzaga.

Orientadora: Prof^a. Luciane Sippert Lanzasova

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luciane Sippert Lanzasova
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Prof^a. Dr^a. Arisa Araujo da Luz
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Prof. Dr. Viviane Maciel Machado Maurenre
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

AGRADECIMENTOS

Primeiro quero agradecer imensamente a Deus, que em todos os momentos esteve comigo e me manteve firme e forte. Toda honra e glória a Deus.

Agradeço à minha tia Maria Elena que hoje infelizmente já não está mais aqui, porém foi uma das pessoas que mais acreditou em mim.

Agradeço a minha família, meus pais Vilaine Espindola de Oliveira e Luiz Antonio Andrade Trindade, pelo apoio durante todos esses anos e também aos meus irmãos Alex, Rosa, Eduardo, Benur e Miguel.

Também quero agradecer a minha prima Tauane Oliveira que muitas vezes estudou comigo e às minhas tias Rocilei OLiveira e Patricia Terra por serem presentes e principalmente pela força e carinho de sempre.

A todos os professores da Universidade por todos os ensinamentos, conselhos e oportunidades.

A minha Orientadora Luciane Sippert Lanzasova que não mediu esforços para me auxiliar e orientar, obrigada pelos seus ensinamentos.

Agradeço a mim mesma, por não ter desistido, por seguir forte e corajosa nessa caminhada.

Aos meus amigos e a todos que de alguma forma me acompanharam, torceram e contribuíram comigo durante essa etapa.

Muito Obrigada!

RESUMO

O tema desta pesquisa, refere-se aos desafios e oportunidades de abordar a Dislexia em sala de aula. O objetivo principal é ampliar o entendimento sobre esse transtorno de aprendizagem específico, investigar suas características principais, avaliar seus impactos e estudar as metodologias mais adequadas para sua abordagem. Para tanto, por meio de uma pesquisa de revisão bibliográfica, procurou-se: refletir sobre os principais conceitos relativos à dislexia; compreender a relação do letramento com a dislexia; identificar as principais características deste transtorno específico de aprendizagem; analisar os impactos da dislexia na vida escolar do estudante e na vida em sociedade; investigar como a psicologia positiva pode contribuir na aprendizagem de alunos disléxicos. Este estudo deixou em evidência a importância das relações afetivas, do olhar mais humano, do cuidado, do carinho, do respeito, da boa vontade, da empatia dos professores nas práticas educativas, entender a criança como um ser em construção, e, que por fatores inerentes à natureza da criança, necessita de uma atenção mais de perto do educador. Essa conexão estabelecida entre professor e aluno faz toda a diferença no processo de alfabetização e letramento, bem como em todo o desenvolvimento escolar deste.

Palavras - Chave: dislexia; metodologias; estratégias; letramento.

ABSTRACT

The theme of this research refers to the challenges and opportunities of approaching Dyslexia in the classroom. The main objective is to broaden the understanding of this specific learning disorder, investigate its main characteristics, assess its impacts and study the most appropriate methodologies for its approach. Therefore, through a bibliographic review we aimed to: reflect on the main concepts concerning dyslexia; understand the relationship between literacy and dyslexia; identify the main characteristics of this specific learning disorder; analyze the impacts of dyslexia on the student's school life and society life; to investigate how positive psychology can contribute to the learning of dyslexic students. This study highlighted the importance of affective relationships, a more humane perspective, care, affection, respect, goodwill, empathy from the teachers in educational practices, understanding the child as a human being under construction, and, because of factors inherent to the child nature, requires closer attention from the educator. This connection established between the teacher and the student makes all the difference in the alphabetization and literacy process, as well as in their entire school development.

Keywords: dyslexia; methodologies; strategies; literacy;

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 DISLEXIA: UM DESAFIO AO PROCESSO DE LETRAMENTO	16
2.1.1 A dislexia e a condição de ser letrado.....	18
2.2 PRÁTICAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS PARA TRABALHAR COM ALUNOS DISLÉXICOS.....	18
3 METODOLOGIA	22
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO.....	23
3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	23
3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	23
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa, que se revela de extrema importância para a sociedade, se refere aos desafios e oportunidades de abordar a Dislexia em sala de aula. Compreendemos a relevância deste estudo por seu papel na investigação e identificação de práticas e metodologias ativas que possam contribuir para a detecção e desenvolvimento de alunos com dislexia. A dislexia é um distúrbio de aprendizagem que impacta crianças, adolescentes e adultos em diversos níveis de ensino, muitas vezes obstruindo o processo de aquisição de leitura e escrita (AFFONSO *et al.*, 2011).

A dislexia configura-se como um dos grandes desafios dentro do sistema educacional. Trata-se de um transtorno que afeta a capacidade de leitura, compreensão de palavras, escrita, soletração, bem como o entendimento e interpretação de textos e atividades que envolvem o raciocínio lógico (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA - ABD, 2016).

Segundo Affonso *et al.* (2011), no Brasil, cerca de 30% a 40% dos alunos das séries iniciais apresentam alguma dificuldade escolar, sendo que de 3% a 5% demonstram transtornos de aprendizagem, sendo a dislexia o distúrbio mais comum entre eles. A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA (2016) aponta que a dislexia é um dos vários distúrbios de aprendizagem e se caracteriza pela alteração no processo de aprendizado de leitura e escrita.

Em relação ao período escolar que corresponde ao ensino fundamental deve-se atentar a algumas características, tais como:

[...] dificuldade em aprender o alfabeto; dificuldade no planejamento motor de letras e números; dificuldade para separar e sequenciar sons (ex: p-a-t-o); dificuldade com rimas (habilidades auditivas); dificuldade em discriminar fonemas homorgânicos (p-b, t-d, f-v, k-g, x-j, s-z); dificuldade em sequência e memória de palavras; dificuldade para aprender a ler, escrever e soletrar; dificuldade em orientação temporal (ontem-hoje-amanhã, dias da semana, meses do ano); dificuldade de orientação espacial (direita-esquerda, embaixo, em cima); dificuldade na execução da letra cursiva; dificuldade na preensão do lápis; dificuldade de copiar do quadro (PRADO, 2010, p.16 - 17).

A Associação Internacional de Dislexia informa que cerca de 10% da população mundial é afetada pela dislexia, dificultando a leitura, escrita e decodificação fluente de símbolos alfabéticos (CÂNDIDO, 2013, p. 13).

É importante e necessário ressaltar que existem várias definições acerca da dislexia. Mas de acordo com Pinto (2012), em 2003, foi adotada a seguinte definição pela Associação Internacional de Dislexia:

[...] a dislexia é uma incapacidade específica de aprendizagem de origem neurobiológica. É caracterizada por dificuldades na correção e/ou fluência na leitura de palavras e por baixa competência leitora e ortográfica. Estas dificuldades resultam de um déficit fonológico, inesperado, em relação às outras capacidades cognitivas e às condições educativas. Secundariamente podem surgir dificuldades de compreensão leitora, experiências de leitura reduzida que podem impedir o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais (PINTO, 2012, p.22).

Figueira (2012) analisa que é comum ouvir, quando se trata do tema dislexia, correlacionada com a palavra doença. Atualmente é um termo equivocado, pois na realidade trata-se de uma dificuldade, um distúrbio de ordem congênita hereditária. Como há diferentes níveis de dislexia (leve, moderado e agudo), a duração do acompanhamento profissional não é precisa, podendo atingir até quatro em média.

Conforme Tenório e Pinheiro (2023), destaca que apesar de ser o distúrbio de maior incidência nas salas de aula, um estudo apresentado na Associação Britânica de Dislexia afirma que cerca de 70% dos profissionais das áreas de saúde e educação têm pouco conhecimento sobre ele.

Considerando que esta é um transtorno que costuma manifestar-se no início do processo escolar, Catts *et al.* (2011), ressalta a necessidade da identificação precoce da dislexia, no entanto esta enfrenta um grande desafio, já que primeiramente é necessário esperar que a criança seja alfabetizada, antes de se realizar o diagnóstico, considerando que um dos sintomas da dislexia é a dificuldade de leitura, portanto isso apenas ocorrerá após a 2ª ou 3ª ano escolar. Evans (2012) baseando-se em Ellis (1995) aponta que um dos principais problemas em relação a identificação de crianças com dislexia em idade escolar.

é o fato das instituições de ensino, sendo estas públicas ou privadas, independentemente do nível social, em sua maioria não fornecem uma resposta adequada e, em tempo hábil, às crianças que apresentam problemas de leitura e de escrita no ensino fundamental (ELLIS, 1995 *apud* EVANS, 2012, p.3).

Ainda, é relevante mencionar que a dislexia não tem relação com o quociente de inteligência (Q.I.) mais baixo. Disléticos podem apresentar dificuldades com

palavras, mas costumam se sair bem em cálculos, por exemplo (TENÓRIO; PINHEIRO, 2023). A detecção precoce da dislexia é crucial, porém enfrenta o desafio de que o diagnóstico geralmente só ocorre após a alfabetização da criança, já que um dos sintomas do transtorno é a dificuldade de leitura (CATTS *et al*, 2011).

De acordo com Oliveira *et al.* (2016) “é na fase da alfabetização que o aluno com dislexia apresenta sua maior dificuldade. É nessa fase também que a discussão a respeito do método de alfabetização torna-se evidente”.

De acordo com Oliveira *et al.* (2016), quando se fala em dislexia, perdura a dificuldade do professor em desenvolver o processo de ensino aprendizagem e a falta do entendimento de algumas escolas, docentes e pais, criando barreiras que impossibilitam ou dificultam o desenvolvimento da criança. Com diversas metodologias de Alfabetização, o educador muitas vezes insiste em somente utilizar um método. Vale ressaltar que a alfabetização da criança com dificuldades de aprendizagem depende do processo de pensar e repensar práticas pedagógicas que obtenham um alcance dos objetivos propostos.

Sendo assim, o papel do professor é essencial para a realização desse processo, pois o seu papel é orientar, dar suporte, planejar atividades que proporcionem o desenvolvimento destas crianças de maneira que elas consigam superar as dificuldades e serem letradas. E é um aliado no processo de letramento dos disléxicos. Destaco a importância de identificar a dislexia, porque quando ela é diagnosticada e tratada precocemente, os impactos emocionais e comportamentais são evitados e a criança consegue suprir suas dificuldades e prosseguir no processo de alfabetização. Nesse sentido, este trabalho quer responder às seguintes perguntas de pesquisa: O que é dislexia? Como identificá-la? Qual o papel do professor na identificação da dislexia? Quais são as principais dificuldades apresentadas por um adolescente disléxico que frequenta o 9º ano do Ensino Fundamental?

Entende-se que para que haja uma definição de estratégias e de intervenção por parte do professor, é de extrema importância à realização do diagnóstico e da avaliação da dislexia, sendo que a partir de dados específicos o educador dará um encaminhamento mais específico nas atividades apoiadas com ênfase na leitura e na escrita. Sendo assim, o objetivo principal desta pesquisa é ampliar o entendimento sobre a dislexia, investigar suas características principais, avaliar seus impactos e estudar as metodologias mais adequadas para sua abordagem. Para tanto, por meio de um estudo de caso, procurou-se: refletir sobre os principais conceitos relativos à

dislexia; compreender a relação do letramento com a dislexia; realizar um estudo de caso com um adolescente disléxico, a fim de compreender as suas principais dificuldades relacionadas à escrita; e sugerir algumas estratégias metodológicas para trabalhar com este transtorno específico de aprendizagem.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No presente capítulo, buscamos situar as bases teóricas que serviram de fundamentação para o estudo, sendo que a dislexia é um dos termos mais utilizados dentro das dificuldades de aprendizagem.

De acordo com Fonseca (2011) o conceito básico de dislexia expressa “dificuldade da fala ou da dicção”. Do ponto de vista comportamental, a dislexia distingue-se por dificuldades no reconhecimento correto de palavras e na capacidade de decodificá-las.

Fonseca (2011) ainda enfatiza que na grande maioria das definições, o critério da falta de habilidade no nível fonológico é constante, bem como a dificuldade no reconhecimento de vocábulos. E, em todos os estudos verificados por Fonseca (2011), ocorreu exclusão de fatores socioeconômicos e do fator inteligência. Alguns chegam a afirmar que os disléxicos são na verdade, pessoas muito talentosas, com habilidades básicas comuns que se não forem suprimidas pela sociedade, resultarão em extraordinária criatividade.

Segundo Moura (2013), os disléxicos recebem informações em uma área diferente do cérebro, portanto o cérebro dos disléxicos é normal. Infelizmente essas informações em áreas diferentes resultam de falhas nas conexões cerebrais. O resultado é que devido a essas falhas no processo de leitura, eles têm dificuldades de aprender a ler, escrever, soletrar, pois é difícil assimilarem as palavras.

Moura (2013) explica ainda que detectar o distúrbio da dislexia não é uma tarefa fácil. Há alguns sinais e sintomas que podem indicar a presença da dislexia desde cedo, mas um diagnóstico preciso só é possível a partir do momento que a escrita e a leitura são apresentadas formalmente à criança. [...] Como o distúrbio é comprovadamente genético, os especialistas afirmam que as crianças podem ser avaliadas a partir dos cinco anos de idade [...]

Figueira (2012) identifica que dislexia não significa somente dificuldades com as palavras, mas significa uma disfunção linguística. Por isso, defende-se que a dislexia não é, simplesmente, uma dificuldade de aprender as letras, possui dificuldade em identificar e organizar símbolos, ou seja, como ele vai ler se aqueles símbolos não lhe dizem absolutamente nada?

Figueira (2012) ainda expõe que aos que se depara com um aluno disléxico, não se pode perder de vista que sua dificuldade não tem nenhuma relação com

desmotivação, falta de esforço, vontade ou interesse, nem sequer possui relação com qualquer deficiência sensorial. O dislético é uma mente que por vezes supera os ditos “normais”, sendo que necessitam de um tratamento diferenciado, pois suas mentes trabalham de forma diferenciada. Trabalhando de maneira correta, os disléticos funcionam, também, perfeitamente.

Cândido (2013, p. 17) cita que:

[...] uma criança com dislexia não é portadora de deficiência nem mental, física, auditiva, visual ou múltipla. O dislético, também, não é uma criança de alto risco. Uma criança não é dislética porque teve seu desenvolvimento comprometido em decorrência de fatores como gestação inadequada, alimentação imprópria ou nascimento prematuro. A dislexia tem um componente genético, exceto em caso de acidente cérebro vascular (AVC).

Portanto, não deve ser considerado a criança com dislexia como “doente, preguiçoso, burro”, crianças com dislexia apenas demoram um pouco mais que as outras pessoas para conseguir assimilar o conteúdo de aprendizagem. Cabe aos educadores, pais e escola, estarem atentos e preparados para conhecer, entender, aprender, diagnosticar e promover ações que levem o estímulo para o desenvolvimento dessas crianças na leitura e escrita.

Moura (2012) explica que a maioria dos tratamentos enfatiza a assimilação de fonema, o desenvolvimento do vocabulário, a melhoria da compreensão e fluência da leitura. Ajudar o dislético a melhorar sua leitura é muito trabalhoso e exige muita atenção, mas toda criança dislética necessita de apoio e paciência, pois essas crianças sofrem de falta de autoconfiança e baixa autoestima, pois se sentem menos inteligentes que seus amigos.

Cita Moura (2012, p. 17):

Cabe ao orientador pedagógico antes de mais nada oferecer a estas crianças (pais e responsáveis e professores) a informação que a dislexia é uma dificuldade de aprendizagem e que se deve dar oportunidades para que o aluno aprenda usando estratégias fáceis e simples.

Fonseca (2011) corrobora com o sistema pedagógico citando que se a dificuldade não for detectada e equacionada adequadamente, o portador de dislexia, desencadeia um processo de conflituosidade que não se reflete apenas na escola, como também na família e no meio social. Deve-se, entretanto, criar estratégias a fim de fazer com que supere as dificuldades, adequando métodos e materiais, como parte

de um processo de desenvolvimento linguístico que irá contribuir expressivamente para o crescimento de outros vários saberes.

Em relação à adoção de alguns métodos, Moura (2013, p. 14) cita que a partir do diagnóstico (ou profissionais) que vai tratá-la. Entre os vários métodos adotados, a Associação Brasileira de Dislexia aconselha a terapia multissensorial, cumulativa e sistemática que trabalha todos os sentidos ao mesmo tempo (como o disléxico assimila facilmente tudo que é vivenciado concretamente, ele pode ser treinado para ler e ouvir, enquanto escreve, por exemplo), o tratamento normalmente é feito por fonoaudiólogos, psicopedagogos e psicólogos especializados no assunto.

Moura (2013) faz uma importante análise. Cita o autor que o orientador pedagógico deve auxiliar o professor a planejar regularmente atividades que propiciem liberdade de ação às crianças, promovendo um ambiente relacional, oferecendo-lhes condições de superar as dificuldades e principalmente conhecendo a importância das brincadeiras no desenvolvimento da criança.

Diz ainda Moura (2013) que cabe ao orientador pedagógico juntamente com a equipe, pesquisar, estudar, refletir e levar ao educando o processo do conhecimento, observando quais as habilidades e interesses dos alunos, sugerindo estratégias e recursos no que diz respeito às dificuldades que o aluno poderá apresentar em relação à dislexia.

Marsili (2010, p. 33) cita que compete à escola proporcionar aos pais de alunos e aos próprios alunos, métodos interessantes e eficientes, na concepção pedagógica, para atender os alunos especiais, os que apresentam dificuldades em leitura, escrita e ortografia. É obrigação da escola e, principalmente dos professores, oferecer recuperação de estudos para aqueles que têm baixo aproveitamento escolar.

Em relação à postura e algumas ações do professor frente à dislexia, Marsili (2010) em primeiro plano o professor necessita estar capacitado e ter conhecimento sobre a Dislexia, o que é e suas causas.

É necessário usar diversas estratégias para com este aluno para que ele compreenda o conteúdo: usando materiais estimulantes e interessantes, como jogos, histórias, etc., procurando ensiná-lo de forma que ele entenda melhor o conteúdo proposto (MARSILI, 2010).

Marsili (2010, p. 35) aconselham que:

[...] as crianças precisam ser ensinadas a soletrar as palavras para estarem conscientes dos sons que ouvem. Treiná-las para repetir palavras para si mesmas, enquanto ouve a ordem dos sons. [...] O ensino precisa ser multissensorial e o aluno deve estar ativamente envolvido na tarefa.

Giroto (2001, p. 50) *apud* Moura (2013) com a devida orientação, o aluno conseguirá ser bem sucedido em classe. O professor pode auxiliar com algumas estratégias para auxiliar o aluno disléxico:

- a criança disléxica deve sentar-se perto do professor, de modo que a mesma possa encorajá-lo a solicitar ajuda;
- cada ponto deve ser revisto várias vezes;
- nunca compare seu trabalho escrito com os colegas;
- seus conhecimentos devem ser julgados mais pelas respostas orais do que pela escrita o que significa que deverá ser avaliado diariamente;
- sempre que possível peça a criança para ela repetir várias vezes com suas próprias palavras, o que a professora pediu para ela fazer, pois isso ajuda na memorização;
- ensinar a criança a “sentir” as letras através de diferentes texturas de materiais;
- nunca forçar o aluno a aceitar a lição do dia;
- evitar submeter o aluno a pressão do tempo ou competição com outras crianças;
- estimular a escrever em linhas alternadas, pois ajudará ao professor a ler uma caligrafia imprecisa e frequentemente amontoada;
- imitar e reproduzir sons e palavras;
- não exigir grandes redações;
- nunca o force a escrever no quadro-negro;
- nunca peça que ele responda perguntas sem ter se oferecido para tal;
- realizar aulas de revisão que permitam o tempo adequado para perguntas e respostas;
- permita o uso de máquina de calcular durante as lições de matemática;
- dê a ele a oportunidade de responder às questões dos testes oralmente, e de refazer o teste quando necessário, atribuindo nota extra para compensar as notas baixas;

- avaliar sempre o conhecimento dos alunos com dislexia usando métodos alternativos, inclusive avaliações orais, trabalhos feitos em casa e apresentações individuais.

Fonseca (1999) *apud* (MARSILI, 2010) cita que as atividades lúdicas são benéficas, pois conseguem o envolvimento do aluno e garantem que os elementos fonológicos necessários sejam inseridos no trabalho que vai ser desenvolvido com cada criança, como: invenção de rimas e palavras, atividades de reconhecimento e utilização de palavras que rimam, mistura e segmentação de sílabas, identificação de fonemas iniciais e ligação de símbolos a sons, jogos de discriminação de vogais, canções com rimas, entre outras atividades.

Citam ainda os mesmos autores acima que há também, abordagens de apoio que podem ser improvisadas na sala de aula pelo professor que são: a utilização do portfólio, soletração oral simultânea, *software* específico, desenvolvimento de competências de estudo, atividades de intensidade visual e jogos de palavras.

Entende-se então que necessário se faz caminharem juntos, professores, escola e família, apresentar assistência à criança disléxica, criando conexões, de modo a construir propostas e metodologias significativas, que provoquem nos alunos o interesse pela aprendizagem, que estimule e dê oportunidades de desenvolvimento integral dessas crianças com dislexia.

Investir no lúdico, utilizar as brincadeiras, os jogos educativos, usar como uma ferramenta, como um aliado no desenvolvimento dos alunos disléxicos, agregá-lo para a melhoria no rendimento escolar, instigar a criatividade e imaginação, são fatores que auxiliam no desenvolvimento da autoestima das crianças.

Lembrar também da importância das relações afetivas, do olhar mais humano, do cuidado, do carinho, do respeito, da boa vontade, da empatia dos professores nas práticas educativas, entender a criança como um ser em construção, e, que por fatores inerentes à natureza da criança, necessita de uma atenção mais de perto do educador.

2.1 DISLEXIA: UM DESAFIO AO PROCESSO DE LETRAMENTO

Para entender os conceitos de alfabetização e letramento, retomamos alguns estudos da autora Magda Becker Soares. Ela traz à luz as diferenças entre os termos

“letrado” e “iletrado”, assim como a emergência e a evolução do termo “letramento” na literatura educacional brasileira.

De acordo com Soares (1999), as palavras “letrado” e “iletrado” possuem definições específicas. Letrado é aquele que é versado em letras, erudito, enquanto iletrado é o indivíduo que não possui conhecimentos literários, não é erudito ou analfabeto. É interessante observar que o termo “letramento” ainda não está dicionarizado, pois foi introduzido muito recentemente na língua portuguesa (SOARES, 1999).

Soares (1999) define que há uma distinção entre ser alfabetizado (saber ler e escrever) e estar em um estado de letramento. Isto é, a pessoa que aprende a ler e a escrever, e que se envolve nas práticas sociais de leitura e escrita, é diferente de uma pessoa que, embora saiba ler e escrever, não pratica a leitura e a escrita.

Nesse viés, a autora propõe que o letramento pode levar a uma mudança na forma como o indivíduo interage social e culturalmente. O processo de tornar-se letrado traz consigo consequências cognitivas e linguísticas: a pessoa passa a ter uma forma de pensar diferente e, além disso, o contato com a língua escrita leva a mudanças na língua oral utilizada.

A autora também argumenta que existe uma distinção entre aprender a ler e escrever e apropriar-se da escrita. Enquanto aprender a ler e escrever é adquirir uma tecnologia, apropriar-se da escrita é torná-la própria, ou seja, assumi-la como uma propriedade pessoal (SOARES, 1999). Além disso, esclarece que a grande diferença entre alfabetização e letramento, entre alfabetizado e letrado, reside no uso social da leitura e da escrita. O indivíduo letrado, aquele que vive em estado de letramento, não só sabe ler e escrever, mas também pratica a leitura e a escrita, respondendo adequadamente às demandas sociais nesse sentido.

Garcia (1998) define a dislexia como um déficit no desenvolvimento do reconhecimento e compreensão de textos escritos. O distúrbio não está associado à deficiência mental, falta de escolarização, déficits visuais ou auditivos, nem a problemas neurológicos, mas influencia consideravelmente a capacidade de ler e escrever do indivíduo.

Soares (1999) define a alfabetização como a aquisição da tecnologia de codificação e decodificação da língua escrita, enquanto o letramento é a apropriação desta habilidade de maneira que se torna “própria” do indivíduo. No caso de uma pessoa disléxica, esta apropriação pode ser desafiadora.

Correia (*apud* CORREIA; MARTINS, 1999) destaca que uma pessoa com dislexia não é menos inteligente do que outras, mas pode levar mais tempo para assimilar o conteúdo de aprendizagem. Varella (2011) também esclarece que a dislexia é um transtorno genético e hereditário, caracterizado pela dificuldade em decodificar estímulos escritos ou símbolos gráficos. O transtorno compromete a capacidade de aprender a ler e escrever corretamente e de compreender um texto.

2.1.1 A dislexia e a condição de ser letrado

Soares (1999) descreve o estado de ser letrado como aquele em que o indivíduo não apenas sabe ler e escrever, mas também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita. Por outro lado, Moura (*apud* OMODEI; SANTIAGO, 2016) descreve a dislexia como uma forma diferente de formar palavras, ler e escrever, embora também apresente dificuldades na interpretação de gráficos e símbolos. Neste contexto, a dislexia pode tornar o estado de letramento mais desafiador para o indivíduo.

Giacheti e Capellini (2000), e Rotta e Pedroso (2006), apontam que a dislexia é um distúrbio que atinge crianças sem deficiência intelectual, sem déficits sensoriais, que receberam instrução educacional apropriada, mas que não apresentam bom desempenho de leitura e/ou escrita. Isso sugere que é necessário um apoio especializado para superar as barreiras impostas pela dislexia no processo de letramento.

Ao associar a discussão de Soares (1999) sobre alfabetização e letramento com a dislexia, é possível entender melhor o impacto desta condição no processo de aprendizado da leitura e da escrita. Essas reflexões trazem à luz a importância de estratégias pedagógicas inclusivas e adaptadas que podem facilitar o processo de alfabetização e letramento para pessoas disléxicas.

2.2 PRÁTICAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS PARA TRABALHAR COM ALUNOS DISLÉXICOS

O trabalho com alunos disléxicos apresenta um desafio substancial, no entanto, é uma empreitada enriquecedora contribuir para o desenvolvimento desses estudantes. É fundamental compreender que as dificuldades de leitura e escrita dos

estudantes disléxicos não são indicativos de falta de inteligência ou sinalizam uma doença.

Segundo pesquisas atuais, a dislexia é um transtorno de aprendizagem neurodesenvolvimental que resulta de disfunções em áreas cerebrais responsáveis pelos processos de leitura e escrita (CAPOVILLA *et al.*, 2004). Crianças disléxicas aprendem de forma diferente devido a um ritmo de processamento mais lento e capacidades reduzidas de fluência e memorização. Compreender essas dificuldades é crucial, pois devem ser levadas em conta ao planejar atividades pedagógicas e desenvolver estratégias e metodologias adequadas para o ensino de crianças disléxicas.

É essencial respeitar o ritmo de aprendizagem dos alunos disléxicos. Fornecer a eles informações-chave sobre o assunto no início da aula pode auxiliar na tomada de notas e no apoio à escrita (ROTTA, 2006). Além disso, conceder aos alunos disléxicos tempo extra para realizar as tarefas de casa e comunicar aos pais os cronogramas de tarefas permite que eles forneçam a assistência necessária. É essencial envolver os pais no processo de aprendizagem, fornecendo atualizações sobre o progresso da criança, realizando reuniões e trabalhando em conjunto para encontrar os métodos de aprendizagem mais adequados para cada aluno disléxico (CAPELLINI *et al.*, 2007).

Atividades que aprimoram a percepção auditiva podem ajudar os alunos disléxicos a reconhecer sons e formas de palavras. O uso de música e rimas para trabalhar ritmo, concentração, atenção e formas de som é benéfico para estimular o aprendizado dos alunos disléxicos (LEMOS, 2009). As atividades de percepção auditiva auxiliam no desenvolvimento da percepção da sequência auditiva e habilidades de consciência fonológica, que se relacionam com a manipulação de sons, percepção do tamanho das palavras e semelhança fonológica entre elas (GERMANO *et al.*, 2012).

Além dessas práticas, apresentamos mais algumas sugestões de estratégias metodológicas para trabalhar com alunos disléxicos:

Multissensorialidade: A abordagem multissensorial envolve o uso de diferentes sentidos, como visão, audição, tato e movimento, para ajudar os alunos a aprenderem. Os professores podem utilizar atividades que estimulem vários sentidos simultaneamente, como jogos, manipulação de objetos, materiais táteis e atividades de movimento. Por exemplo, ao ensinar a formação de letras, o professor pode

incentivar os alunos a traçar as letras em areia, utilizando o tato, e pronunciar o som correspondente, envolvendo a audição (SALDANHA, 2013).

Método Fônico: O método fônico enfatiza a relação entre sons e letras, ajudando os alunos disléxicos a associarem os sons das palavras às suas representações escritas. Os professores podem utilizar atividades que envolvam a análise fonêmica, como jogos de correspondência entre letras e sons, atividades de segmentação e fusão de sons, e a prática de leitura e escrita de palavras decodificáveis. É importante fornecer repetição, reforço e feedback constante durante as atividades (SCLIAR-CABRAL, 2003).

Uso de Tecnologias Assistivas: As tecnologias assistivas, como softwares de leitura e escrita, podem ser ferramentas valiosas para alunos disléxicos. Os professores podem introduzir e orientar os alunos no uso dessas tecnologias, como programas de reconhecimento de voz, programas de leitura de texto em voz alta e aplicativos de correção ortográfica. Essas ferramentas podem auxiliar na leitura, escrita e organização do trabalho dos alunos (CARVALHO, 2015).

Abordagem Multidisciplinar: A abordagem multidisciplinar envolve a colaboração de diferentes profissionais, como psicólogos, fonoaudiólogos e pedagogos, para fornecer suporte abrangente aos alunos disléxicos. Os professores podem trabalhar em equipe com esses profissionais para desenvolver estratégias individualizadas de ensino, adaptar o currículo, oferecer suporte emocional e promover a inclusão do aluno em sala de aula (COSTA, 2011).

Estratégias de Leitura e Escrita: Os professores podem utilizar estratégias específicas para auxiliar os alunos disléxicos na leitura e escrita. Por exemplo, podem incentivar o uso de marcadores de texto para destacar informações importantes, fornecer modelos de redação para ajudar na organização textual, utilizar fontes e espaçamentos adequados para facilitar a leitura, e oferecer atividades de leitura em voz alta em grupo para promover a compreensão do texto (FONSECA, 2011).

Adaptação de Materiais Didáticos: Os professores podem adaptar os materiais didáticos, como textos e atividades, para torná-los mais acessíveis aos alunos disléxicos. Isso pode incluir o uso de fontes de leitura fácil, aumento do espaçamento entre linhas, utilização de recursos visuais, como imagens e diagramas, e fornecimento de instruções claras e concisas. A adaptação dos materiais deve ser individualizada, levando em consideração as necessidades específicas de cada aluno (SILVA, 2018).

Ensino Multimodal: O ensino multimodal envolve a apresentação de informações de diferentes maneiras para atender às diferentes modalidades de aprendizagem dos alunos. Os professores podem utilizar recursos visuais, auditivos e táteis durante as aulas, como apresentações em PowerPoint com imagens, vídeos, gravações de áudio e materiais manipulativos. Isso ajuda os alunos disléxicos a processarem as informações de forma mais eficaz e a se envolverem ativamente no aprendizado (PAVEZI, 2017).

É importante adaptar as atividades de acordo com as necessidades individuais de cada aluno disléxico, levando em consideração suas habilidades, dificuldades e preferências de aprendizagem. Além disso, a colaboração com profissionais especializados e a atualização constante sobre práticas e abordagens educacionais são fundamentais para um suporte efetivo aos alunos disléxicos.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, realizada a partir de um estudo de caso, de caráter exploratório, descritivo e explicativo cujo objetivo é refletir sobre os principais conceitos relativos à dislexia; compreender a relação do letramento com a dislexia; realizar um estudo de caso com um adolescente disléxico a fim de compreender as suas principais dificuldades relacionadas à escrita.

A pesquisa pode ser definida como exploratória, uma vez que, segundo Gil (2007, p.44), estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Foi utilizada a pesquisa bibliográfica conforme definida por Lakatos e Marconi (2007, p.185) que:

trata-se do levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado, em livros, revistas, jornais, boletins, monografias, teses, dissertações, material cartográfico, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o mesmo.

E ainda como instrumento para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado a análise documental, que de acordo com Ludke e André (1986) pautado em Philips (1974) relata que são considerados documentos “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” (PHILIPS, 1974, p.187 *apud* LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.38). Podendo ser considerados documentos de acordo com Ludke e André (1986, p.38) “[...] leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares”.

A utilização da análise documental nesta pesquisa pautou-se em analisar atividades desenvolvidas com um adolescente com suspeita de dislexia. Considerando que segundo Ludke e André “[...] a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando

aspectos novos de um tema ou problema” (1986, p.38), este será utilizado como forma de complementar o desenvolvimento do estudo.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO

O sujeito deste estudo é um adolescente de 15 anos de idade, o qual está frequentando o 9º ano do ensino fundamental, em uma escola pública, localizada no Bairro Joaquim Nascimento, na cidade de São Luiz Gonzaga, Rio Grande do Sul. Ao ingressar na pré-escola, foi considerado muito inteligente e avançado para estar ali, sendo indicado pela professora passar diretamente para o primeiro ano. No entanto, quando chegou no 3º ano foi reprovado e a partir dali começou a demonstrar bastante dificuldade nas atividades relacionadas à leitura e à escrita. A partir de então, começou a frequentar as aulas de reforço na própria escola em turno inverso.

3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados durante atividades realizadas pela pesquisadora com o adolescente de modo informal, pela própria proximidade familiar que possui com ele. Para coleta de dados foram propostas atividades a partir das quais procurou-se avaliar suas principais dificuldades.

3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Após a coleta dos dados foi realizada a análise destes procurando relacionar com os pressupostos teóricos desta pesquisa. Buscou-se compreender as suas principais dificuldades relacionadas à escrita.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

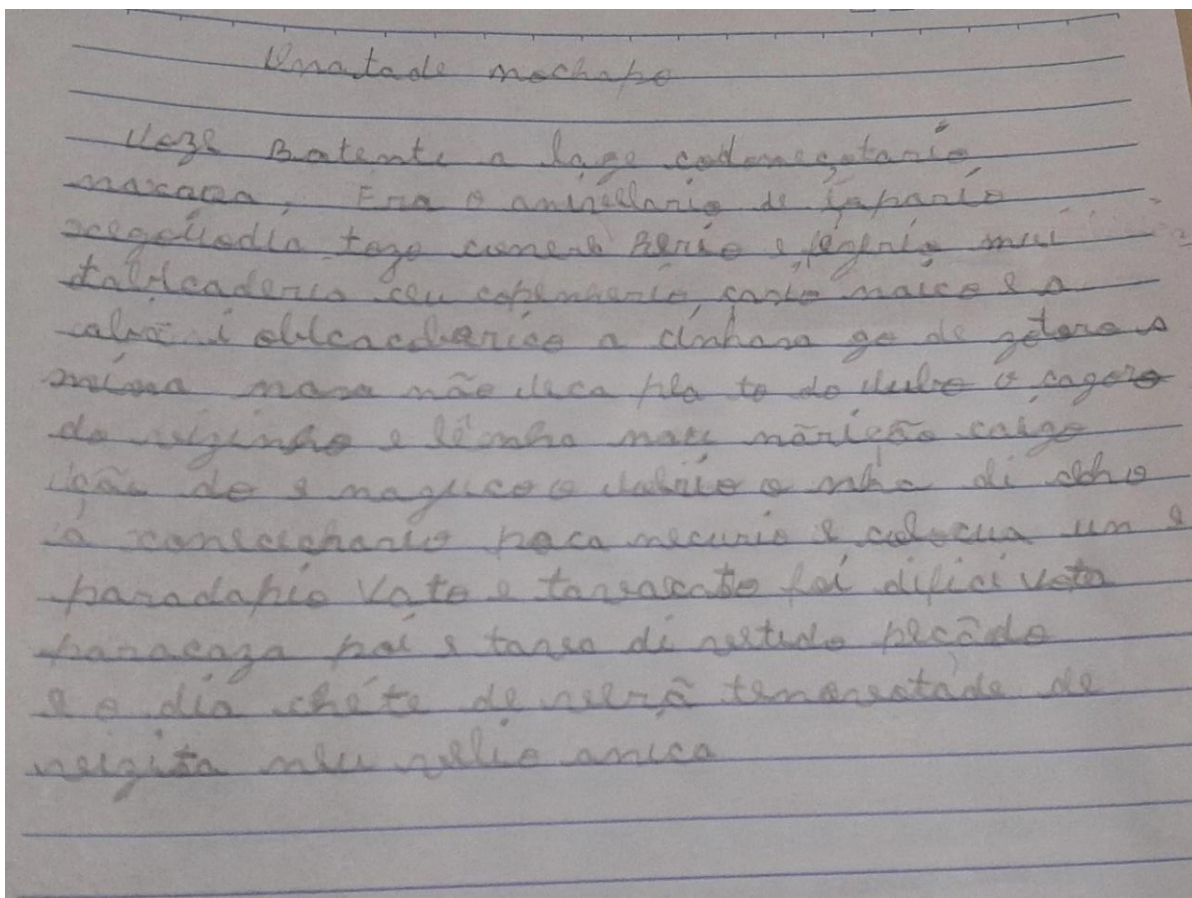
Nesta seção serão apresentados os resultados desta pesquisa, obtidos a partir da realização de 3 atividades, sendo a primeira, constituída de um ditado que faz parte do instrumento pedagógico ADAPE (Avaliação de dificuldades na aprendizagem da escrita), de acordo com Sisto (2004). O ditado foi constituído pelo texto a seguir:

Uma tarde no campo

José ficou bastante alegre quando lhe contaram sobre a festinha na chácara da Dona Vanda. Era o aniversário de Amparo. Chegou o dia. Todos comeram, beberam e fizeram muitas brincadeiras engraçadas. Seus companheiros Cássio, Márcio e Adão iam brincar com o burrico. As crianças gostam dos outros animais, mas não chegam perto do Jumbo, o cachorro do vizinho. Ele é mau e sai correndo atrás da gente. Mário caiu jogando bola e machucou o joelho. O médico achou necessário passar mercúrio e colocou um esparadrapo. Valter estava certo. Foi difícil voltar para casa, pois estava divertido. Pensando em um dia quente de verão, tenho vontade de visitar meus velhos amigos.

O texto do ADAPE é constituído por 114 palavras, sendo que 60 delas apresentam algum tipo de dificuldade e 54 não (SISTO, 2011). O resultado deste teste pode ser observado na Figura 1.

Figura 1: Análise do adolescente – 1º ditado.



FONTE: Autora (2023)

Esta atividade teve o intuito de observar e levar em conta a escrita do adolescente e quais são suas principais dificuldades. Durante a aplicação da atividade, pode-se notar algumas características do aluno ao fazer o exercício, solicitou que repetisse as palavras mais de uma vez; demora bastante para escrever; dificuldade de lembrar das palavras ditas; se mostrou muito confuso e impaciente.

Um ponto importante a destacar, são os erros que decorrem do apoio na oralidade. De acordo com Zorzi (2009) o apoio na oralidade consiste em escrever as palavras conforme são pronunciadas. “A escrita apoiada na oralidade nada mais do que confirma a forte influência que padrões acústicos e articulatórios, ou seja, os mecanismos da oralidade exercem sobre a escrita, principalmente em suas etapas mais iniciais” (ZORZI, 2009, p.2009).

Já na segunda atividade realizada, foram escolhidas algumas palavras do exemplo da ADAPE, foram escolhidas 20 palavras onde o aluno deveria marcar com

um X a palavra na qual ele acha que está correta. Todas foram lidas e pronunciadas em voz alta, esta atividade foi realizada no dia 12.06.2023.

A Figura 2 apresenta o resultado da atividade:

Figura 2 Análise do adolescente – Reconhecimentos de palavras

ANEXO 2 - ESCALA DE RECONHECIMENTO DE PALAVRAS

Escola: *Escola Eduardo*

Série: *9º*

Sexo: *MASCULINO*

Idade: *15*

Depois de ouvir a palavra, faça um X na palavra escrita corretamente:

- 1 - alem - alên - além
- 2 - emfim - enfin - enfim
- 3 - jol - gou - gol
- 4 - palavra - pelavra - pavavra
- 5 - ventu - vento - vênto
- 6 - populações - populassões - popuações
- 7 - pusição - posicão - posição
- 9 - pronunciadas - pronunciadas - pronunssiadas
- 10 - marela - amarrela - amarela
- 11 - ambiendi - ambiente - ambiente
- 12 - fotebol - futebol - futebou
- 13 - clarro - claro - craro
- 14 - déla - delá - dela
- 15 - dêrradeiro - deradeiro - derradeiro
- 16 - decubra - desçubra - descubra
- 17 - ditância - distância - distância
- 18 - emtrar - entar - entrar
- 19 - enrado - erado - errado
- 20 - lápis - lápis - lápiz

FONTE: Autora (2023)

Nota-se nesta atividade que o aluno demonstrou um pouco confuso na diferenciação das palavras, tendo dificuldade em diferenciar os sons, pediu para ler

várias vezes as palavras, por mais que suas dificuldades sejam inúmeras ele sempre demonstrou interesse em aprender.

Figueira (2012) que identifica que dislexia não significa somente dificuldades com as palavras, mas significa uma disfunção linguística. Por isso, defende-se que a dislexia não é, simplesmente, uma dificuldade de aprender as letras, possui dificuldade em identificar e organizar símbolos, ou seja, como ele vai ler se aqueles símbolos não lhe dizem absolutamente nada.

Outra atividade realizada foi de grupo semântico, este ditado é composto por dez palavras, iniciadas com palavras polissílabas seguidas de palavras trissílabas, dissílabas e monossílabas. A realização deste ditado tem como objetivo avaliar a escrita de palavras, possivelmente, conhecidas pelo adolescente. O grupo semântico escolhido pelo adolescente foi o de animais.

Na Figura 3 é possível observar o resultado da atividade:

DITADO	
1- leão	Leão
2- tatu	Tatu
3- Capivara	Capivara
4- POUBA	Pomba
5- peixe	Peixe
6- VEADO	Veado
7- ACIA	Águia
8- Aneltra	Avestruz
9- FONICHA	Formiga
10- JIRafa	Girafa

FONTE: Autora (2023)

Neste ditado as palavras que não foram escritas corretamente podem ser assim analisadas: JIRAFa, fez a inversão do G pelo J, e também trocou o M da POMBA pela letra U, assim escrevendo POUBA. Assim, além de trocar as letras o adolescente também omitiu algumas.

Os dados apontaram que em ambas as atividades os resultados para a dificuldade de aprendizagem em escrita e a compreensão da leitura do adolescente são evidentes. É possível notar que houve confusões na diferenciação auditiva, confusões entre fonemas que são frequentes na escrita de disléxicos, as representações múltiplas. Também a presença de omissão de letras.

Em relação à escrita está por ser analisado por meio dos tipos de erros apresentados, podendo assim auxiliar na preparação da intervenção para os indivíduos disléxicos (AFFONSO *et al*, 2011).

As representações múltiplas ocorrem quando um som pode ser representado por diferentes letras ou uma letra representa vários sons.

Um dos aspectos fundamentais da escrita alfabética refere-se às correspondências entre sons e letras. Algumas destas correspondências são estáveis, ou seja, um determinado som corresponde somente a uma única letra. Este é o caso do som /b/ que sempre é escrito pela letra “b”, ou o som /d/ que tem uma relação de estabilidade com a letra “d”. Entretanto, esta espécie de fidelidade entre letras e sons nem sempre se mantém (ZORZI, 2009, p.207).

No caso das omissões Zorzi (2009) destaca que:

As omissões dizem respeito à ausência de letras que deveriam compor as palavras. Embora muito comum a ocorrência de omissões de letras isoladas (como “taqui” para tanque, na qual o “n” em final de sílaba foi omitido), pode-se também encontrar a omissão de sílabas ou até mesmo de partes mais significativas das palavras (“fizes” para “felizes” ou “perdi” para “perdido”) (p.211).

Considerando que possa existir mais de uma letra para representar um som, isso pode vir a causar erros na escrita. Deve-se levar em consideração que “[...] os erros por representações múltiplas são os mais presentes durante toda a vida de quem escreve. O principal desafio, entretanto, é dar se conta que de um só som pode ser representado por diferentes letras e que uma mesma letra pode escrever diferentes sons” (ZORZI, 2009, p.208). Essa é uma dificuldade que não é exclusiva dos alunos disléxicos, pois a grande maioria dos alunos apresentam certa dificuldade em relação a determinadas letras com o mesmo som, pois trata-se de uma questão de convenção, uma vez que a escrita é arbitrária e somente por meio da interação com as palavras durante práticas sociais significativas essas dificuldades vão sendo superadas.

A escala Avaliação de Dificuldades na Aprendizagem da Escrita (ADAPE) desenvolvida por Sisto (2001) e a Escala de Reconhecimento de Palavras (SISTO, 2004), que possibilitam a identificação da fase de alfabetização de alunos do ensino fundamental. É importante assinalar que também conseguem detectar eventuais dificuldades de aprendizagem, na escrita, que esses alunos possam apresentar.

Segundo Rotta e Pedroso (2006), muitas vezes o aluno começa apresentar dificuldades desde o primeiro ano escolar, mas se a escola não entender essas dificuldades como algo a se preocupar, somente após o terceiro ano escolar é que estas dificuldades começarão a ser notadas, já que é neste período que se inicia maiores cobranças em relação ao desempenho escolar.

Sendo assim, Catss e Chan (2011), consideram que a identificação precoce da dislexia é um grande desafio uma vez que o principal sintoma é a dificuldade em aprender a ler, assim é necessário esperar que a instrução adequada de leitura seja dada para que se possa realizar o diagnóstico.

Mesmo após muito tempo da descoberta da existência da dislexia ainda existem indivíduos que sofrem com a dificuldade de leitura, sendo taxados em sala de aula e discriminados, não só pela falta de informação de sua dificuldade, mas também pela falta de preparo de professores e dirigentes em trabalhar com disléxicos em sala de aula (MENEZES, 2007).

Vale lembrar que cada indivíduo é único em suas manifestações, levando em consideração que existem várias formas da dislexia, podendo apresentar apenas uma característica ou vir associadas a outras. Sendo assim, é necessário uma análise mais profunda, para definir a melhor forma de intervenção (MENDONÇA *et al.*, 2011).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, pudemos explorar o tema da Dislexia em sala de aula, com um foco específico nos desafios e oportunidades associados à sua abordagem. Conseguimos ampliar a compreensão sobre esse distúrbio de aprendizagem específico, investigar suas principais características e impactos, além de estudar as metodologias mais adequadas para abordá-lo.

O estudo evidenciou a importância do diagnóstico e da avaliação da dislexia, bem como o papel crítico do professor neste processo. Ao coletar dados específicos sobre o aluno, o educador pode definir estratégias de intervenção mais direcionadas, com especial ênfase na leitura e na escrita.

Tornou-se claro que a colaboração entre professores, escola e família é crucial para apoiar a criança ou adolescente com dislexia. É necessário elaborar propostas e metodologias significativas que estimulem o interesse pela aprendizagem e proporcionem oportunidades para o desenvolvimento e autonomia desses alunos.

Este estudo também ressalta a importância de uma abordagem educacional humana, cuidadosa e empática, que reconheça a criança e o adolescente como seres em desenvolvimento. A atenção e o apoio individualizados dos educadores são elementos cruciais para esses alunos, dada a sua condição específica. Nesse sentido, o investimento em atividades lúdicas, como jogos educativos, é uma poderosa ferramenta que pode melhorar o rendimento escolar, instigar a criatividade e imaginação, e reforçar a autoestima dos alunos com dislexia.

Os dados coletados através deste estudo de caso demonstraram claramente as dificuldades de aprendizagem em escrita e compreensão de leitura de um adolescente disléxico do 9º ano do Ensino Fundamental. Evidências dessas dificuldades incluíram confusões na diferenciação auditiva, confusões entre fonemas comumente observadas na escrita de alunos disléxicos, e a omissão de letras.

Em última análise, esperamos que este trabalho possa servir como um recurso útil para professores e futuros professores. Quando eles se deparam com um aluno com dislexia ou com características semelhantes em sala de aula, é essencial que possuam a base de conhecimento necessária para abordar eficazmente esses desafios de aprendizagem e proporcionar um ambiente de aprendizagem inclusivo e acolhedor.

REFERÊNCIAS

ABD- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br>. Acesso em: 10.04.2023.

AFFONSO, M. J. C. O. et al. **Avaliação de escrita na dislexia do desenvolvimento: tipos e erros ortográficos em prova de nomeação de figuras por escrita**. Rev. CEFAC, São Paulo, p.628-635, jul./ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/2010nahead/54-10>. Acesso em: 18.04.2023.

BRANDÃO, Letícia Peixoto Morais. **Dislexia: Características e Intervenções. Especialização em Educação Especial e Inclusiva**. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2015. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/R201671.pdf. Acesso em: 17/05/2023.

CÂNDIDO, Edilde da Conceição. **Psicopedagogia para a dislexia nas séries iniciais do ensino fundamental**. Especialização em Psicopedagogia. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2013. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T208833.pdf. Acesso em: 17/05/2023.

CARVALHO, C. A. P. A inclusão do aluno disléxico por meio das tecnologias assistivas. Revista Educação Especial, 28(52), 2015, p. 515-526.

CATTS, H. W. et al. **Identificação precoce da dislexia**. In. Alves, L. M.; MOUSINHO, R.; CAPELLINI, S. (Org). Dislexia: novos temas, novas perspectivas. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. P.55-70.

CAPELLINI, S. A.; PADULA, N. A. M. R.; SANTOS, L. C. A. **Educação inclusiva e dislexia: estratégias para o ensino da leitura e da escrita**. Psicopedagogia, São Paulo, v. 24, n. 74, p. 62-70, 2007.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. **Problema**

CORREIA, L. M.; MARTINS, E. **Dislexia: o desafio da alfabetização**. Lisboa: Porto Editora, 1999.

COSTA, A. M. C. **A intervenção pedagógica na dislexia: uma abordagem multidisciplinar**. Psicologia em Estudo, 16(3), 2011, p. 503-510.

EVANS, J. S. **Um estudo sobre dislexia**. 44f. Especialização em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2006.

FIGUEIRA, Guilherme Luiz Mascarenhas. **Um olhar psicopedagógico sobre a dislexia**. Especialização em Psicopedagogia. Universidade Cândido Mendes. Niterói: RJ. 2012. Disponível em:

<http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N204682.pdf>. Acesso em 19/05/2023.

FONSECA, Rosamaria Maria Reboredo Martins da. **O desenvolvimento da competência linguística na Dislexia**. Especialização em Psicopedagogia Institucional. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2011. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/G200735.pdf. Acesso em: 19/05/2023.

GARCIA, J. N. **Dificuldades de aprendizagem da leitura**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

GERMANO, G. D.; CAPELLINI, S. A.; VALÉRA, F. P. Performance of students with dyslexia, learning disabilities and learning difficulties in metaphonological abilities tests. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 82-93, 2012.

GIACHETI, C. M.; CAPELLINI, S. A. Desempenho de crianças com dislexia do desenvolvimento em tarefas de consciência fonológica. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, v. 12, n. 2, 2000.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994. 207 p.

GIULIA GIANOLLA ATUALIZADO EM 16 NOV 2021, 10H27 - PUBLICADO EM 1 OUT 2020, 13H51 Leia mais em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/transtornos-aprendizagem/>> de Oliveira Silva, Eliabe Bezerra, and Gislene Farias de Oliveira. **“Dislexia em Perspectiva: Contribuições da Psicopedagogia e da psicologia.”** *ID on line REVISTA DE PSICOLOGIA* 10.31 (2016): 135-146.

GIROTO, C.R.M. (Org.). **Perspectivas atuais da fonoaudiologia na escola São Paulo**: Plexus, 2001. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=fxPKQVVGH8C&oi=fnd&pg=PA7&dq=info:3kwj7wE114wJ:scholar.google.com&ots=Kf19kKuS6A&sig=3eW1UzC3-nixYmr7H3zrntFIOxY&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 05/07/2023.

GOLEMAN, D. (1995). **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva.

ITO, T. (2013). Export-platform foreign direct investment: theory and evidence. **The World Economy**, 36(5), 563-581.

KATO, M. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Editora Ática, 1986.

KENSKI, Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 6.ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003.

LEMOS, I. C. **Atividades rítmicas e expressivas na reeducação da dislexia: uma proposta de intervenção pedagógica.** Revista paulista de educação física, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 123-133, 2009.

MARSILI, Mira Allil. **Dislexia no contexto da aprendizagem.** Especialização em Controladoria e Finanças. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2010. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/c205242.pdf. Acesso em: 01/07/2023

MARTINS, M. A.; CAPELLINI, S.A.. Intervenção precoce em escolares de risco para a dislexia: revisão da literatura. Rev. CEFAC, São Paulo, v.14, n.4, p. 749-755, jul./ago. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v13n4/131-10.pdf>>. Acesso em: 03. jun.2014.

MENEZES, R. de P.. **Intervenção psicopedagógica com uma aluna disléxica.**172f. Porto Alegre, 2007.

MOURA, Suzana Paula Pedreira Tavares de. **A dislexia e os desafios pedagógicos.** Especialização em Orientação Educacional e Pedagógica. Universidade Cândido Mendes. Niterói: RJ. 2013. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N205864.pdf. Acesso em: 20/05/2023.

MORENO, Gilmara Lupion. **Organização do Trabalho Pedagógico na Instituição de Educação Infantil.** In: PASCHOAL, Jaqueline Delgado (Org.). Trabalho Pedagógico na Educação Infantil. Londrina: Humanidades, 2007, p. 54-62.

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso, and Cecília Azevedo Lima COLLARES. **Dislexia e TDAH: uma análise a partir da ciência médica.** Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos. São Paulo: Casa do Psicólogo (2010): 71-110.

NELSEN, Jane. **Disciplina Positiva.** 3.ed. São Paulo: Manole, 2015.

OMODEI, Z. M. S.; SANTIAGO, P. R. Dislexia e suas implicações no letramento. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 22, n. 1, 2016. p. 131-144.

OLIVEIRA, D. G.; LUKASOVA, K; MACEDO, E. C. de. Avaliação de um programa computadorizado para a intervenção fônica na dislexia do desenvolvimento. Psico-USF, v.15, n.3, p.277-286, set./dez. 2010. Disponível em; <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v15n3/v15n3a02.pdf>. Acesso 06. out.2013.

PAVEZI, L. **Ensino multimodal para crianças com dislexia: um estudo de caso.** Letrônica, 10(3), 2017, p. 878-892.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo.** São Paulo, 1971.

PINTO, C. M. R.G. F. **O dia-a-dia da dislexia em sala de aula: Os conhecimentos dos professores do 1º ciclo sobre alunos disléxicos.** 107f. Dissertação (Mestrado em

Educação Especial)- Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, 2012.

PINHEIRO, M. A. S. et al. Transtorno desafiador de oposição: uma revisão de correlatos neurobiológicos e ambientais, comorbidades, tratamento e prognósticos. *Revista Brasileira Psiquiatria*, v.26, n. 4, p. 273-276, 2004.

PRADO, Z. Ap. A importância das atividades lúdicas no processo de ensino aprendizagem na dislexia. 2010. 49f. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Estadual Paulista, São Vicente, 2010.

REID, G. **Dyslexia: A Practitioner's Handbook** (4th ed.). John Wiley & Sons, 2009.

RODRIGUES, Sônia das Dores; CIASCA, Sílvia Maria. **Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção**. *Revista Psicopedagogia* 33.100 (2016): 86-97.

ROTTA, N. T.; PEDROSO, F. S. Dislexia: neurologia, genética e neuropsicologia cognitiva. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, 64(1), 2006. p. 123-131.

ROTTA, N. T.; PEDROSO, F. S. **Transtornos da linguagem escrita-dislexia**. In: ROTTA, N.T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S.. *Transtornos de aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar*. Artmed, 2006. P. 151-164.

SALDANHA, Laís Helena Ramos. **Dislexia e Multissensorialidade: Uma Abordagem para a Alfabetização**, Ano: 2013. Disponível em: <<https://www.brasil.gov.br/educacao/2013/03/dislexia-e-multissensorialidade-uma-abordagem-para-a-alfabetizacao/view>>. Acesso em: 5 de junho de 2023.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SCLIAR-CABRAL, L. Dislexia: análise de uma controvérsia. *Cadernos de Educação*, 14, 2003, p. 111-129.

SIGNOR, Rita. **Dislexia: uma análise histórica e social**. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* 15.4 (2015): 971-999.

SILVA, C. B. **A adaptação de materiais didáticos para estudantes disléxicos**. In *Anais do III Congresso Internacional de Tecnologia na Educação*, 2018, p. 1-9.

SISTO, F. F. **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2 001.

TFOUNI, L. V. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso**. São Paulo: Pontes, 1988.

TENÓRIO, Goretti; PINHEIRO, Pinheiro. O que é dislexia: causa, sintomas, diagnóstico e tratamento. In: **Veja e Saúde**. 2023. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/medicina/o-que-e-dislexia-causa-sintomas-diagnostico-e-tratamento/>>. Acesso em 26 abr. 2023.

ZORZI, L. J.; CIASCA, M. S. **Análise de erros ortográficos em diferentes problemas de aprendizagem**. Rev. CEFAC, São Paulo, v.11, n.3, p. 406-416, jul./set. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v11n3/a07v11n3.pdf>>. Acesso: 10.06.2023.